

José Rosa Sampaio

*



O Vermelho do Capim

Poemas da Guerra Colonial

**

Portimão – 1986

Ficha Técnica:

Título: *O Vermelho do Capim: poemas da Guerra Colonial*

Autor: José Rosa Sampaio, 1949-

Tiragem: 30 exemplares fora do mercado

Data e local de edição: Portimão, 1986

Capa: fotografia tirada no Norte de Angola, 1972

@ José Rosa Sampaio

INTRODUÇÃO

Estes poemas foram iniciados em Angola, durante a Guerra Colonial, nos anos de 1971-1973.

São fruto de uma época conturbada, em que a vida não tinha grande importância.

Foram continuados posteriormente, e outros levemente alterados, sempre que o autor se confrontava com a consciência, ou tentava pedir contas àqueles que o atiraram de arma na mão para as matas de Angola, onde foi obrigado a fazer uma guerra que não era sua.

Algumas das composições já saíram publicados em publicações periódicas e outros fazem também parte de um livro de memórias, que um dia talvez venha a publicar.

A História das guerras de África não é só feita de memórias, romances, estudos, filmes e canções, mas comporta também livros de poesia, embora estes registos sejam mais raros entre a já abundante bibliografia sobre o tema.

Lembro aqui autores como Manuel Alegre, Sá Flores, Liberto Cruz, José Niza, Joaquim Coelho, assim como tantos outros, que descreveram em poesia este conflito sangrento, que por ter ceifado tantas vidas merece ser constantemente recordado e ensinados nas escolas.

Bem hajam aqueles que possam tirar alguma emoção destas páginas vividas da nossa história recente.

EVOCAÇÃO

Tu que partiste comigo
Do Cais da Rocha
Numa manhã triste de Julho
E não regressaste ...

Tu que em África deixaste os sonhos
Os braços, as pernas, o corpo...

Tu que jazes algures anónimo
Sob uma envelhecida lápide
Perdida na névoa
Da memória dos homens.

Tu cuja morte foi justificada
Com a ideia de Pátria
Ainda esperas por justiça.

Tu que restas anónimo
Esquecido
Mas presente.

OS BORDÉIS DE LUANDA

Os graffitis do WC do “Paris-Versalhes”
Tem vozes que vêm morrer
Num riacho de desespero.

Cérebros castrados pelo medo
Vagueiam pelas ruas
Como autómatos
Esperando o milagre do regresso.

Depois há os bordéis
Onde a ternura se inventa
Sob marketing gerado
Nas entranhas dos gabinetes
Por espectros loucos
Que fazem lembrar
Pompeia
Esperando as legiões famintas.

(Luanda, Agosto de 1971)

UM TIRO FERINDO A NOITE

De repente ouviu-se o tiro
Ferindo a noite serena
Corremos para os abrigos
Voando sob a nuvem de estilhaços
Galgando a cratera
Que esventrou a parada

O grito
O sangue derramado
O pedido de evacuação
A morte iminente

(Quimaria, Dezembro de 1971)

O VERMELHO DO CAPIM

Capim verde de esperança
Capim que nasceste do sangue
Que escondes a metralhadora
Que nos fere
Por detrás de rostos inertes
Que espreitam

Capim
Que fazes lembrar a seara
Dos campos do Alentejo

(Janeiro de 1972)

A TUA FACE VERMELHA

Para o António Machado
in Memoriam

Tinhas uma mosca pousada na tua face vermelha
E os teus lábios entreabertos escondiam uma palavra
que não disseste a ninguém ...

Roubaram-te até o que não te pertenceu em vida, pois os elos da morte
não perdoam a inocência da alma.
Descansa, que talvez aconteça que não estejas morto.

(Mamarrosa, Maio de 1973)

O GRITO E O TOMBO

Era o sangue feito metal
O homem visto ao contrário
Combativo
Torturado
Era o medo de ser escutado
O dia feito noite
A dor em cada instante abafada
Pelas lágrimas ...

Era o silêncio cúmplice
O fado cantado em coro
A guerra cultivada em termos morais
O boato bem afiado
Difundido em termos coloquiais
Segundo as técnicas mais modernas.

Era o tiro, o tombo, o grito abafado ...
Uma arma fumegante em mãos que tremem
Os apenas um invólucro ferrugento
Dentro do capim ceifado.

(Luanda, Setembro de 1973)

ANÓNIMO, MAS PRESENTE

Não sei quem eras
E nunca soube o teu nome
Embora para mim
Nunca tivesses sido anónimo

Recolhi-te dos destroços
E afaguei-te nas minhas mãos
Quando já não eras carne

Alguém te embalou depois
E partiste em viagem de regresso
Para a cerimónia protocolar

Talvez hoje ainda jazas numa campa esquecida
Na terra que te viu nascer.

QUASE UM ARRAIAL

O ataque parece um arraial
De aldeia
Com foguetes a ribombar
E gritos abafados pela correria

A loucura na madrugada
Acorda e irrompe
Os segredos da floresta próxima

E nós parecidos a toupeiras
Que escavam a terra inerte
Espezinhada e ensanguentada
Disparos cortam a noite
E outros levantam os braços
Na direcção do céu

Depois vem a manhã cristalina
De brisas africanas
Que limpa as feridas
E o cheiro a pólvora
Aqui e ali buracos
Destinados a sepulturas adiadas
Por uma noite, um dia, um ano ...
A eternidade do momento.

(Mamarrosa, Fevereiro de 1973)

A TABANCA

Rostos tristes
Distantes
Pensativos no olhar
Espreitam a coluna
Que passa vagarosa
Na manhã africana

Talvez implorem uma terra sem donos

À volta só o arame farpado
Deixa antever um raio de luz
De esperança
A passagem para a fazenda do branco
A plantação apressada de mandioca

Os filhos do branco
Na mulher
Enjaulados
Sorriem ao soldado
E mendigam a lata da ração
A comida do branco

O branco tem tudo
E nada

O REGRESSO

E então a Europa
Se fez mais curta
Por entre o aroma das ondas
Pisadas pelos séculos

Dos porões repletos de lágrimas
Dos gritos não ouvidos
Dos heróis do passado
Das palavras mortas
Restam sonhos
Que o tempo desfez

Hoje as recordações
Apenas adormecidas
Restam intactas
Esperando justiça.

(Lisboa, Outubro de 1973)

ÍNDICE

Introdução	3
Evocação	5
Os bordéis de Luanda	6
Um tiro ferindo a noite	7
O vermelho do capim	8
Para o António Machado, <i>in Memoriam</i>	9
O grito e o tombo	10
Anónimo, mas presente	11
Quase um arraial	12
A tabanca	13
O regresso	14